

## AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS E OS PROCESSOS DE PROJETO NA ARQUITETURA: UMA REFLEXÃO SOBRE O FILME “ONDE ESTÁ SEGUNDA?”

*Yasmin Cruz Gomes<sup>1</sup>, Alexandre Machado Santana<sup>1</sup>, Núbia Santanna Vieira<sup>1</sup> & Sergio Rafael Cortes de Oliveira<sup>1\*</sup>*

### RESUMO

GOMES, Y. C.; SANTANA, A. M.; VIEIRA, N. S.; OLIVEIRA, S. R. C. As transformações urbanas e os processos de projeto na Arquitetura: uma reflexão sobre o filme “Onde está Segunda?”. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v.10, n.29, p.73-86, 2020.

O presente trabalho apresenta reflexões a partir de uma análise de conteúdo do filme “Onde está Segunda?”, lançado em 2017, que tem a narrativa desdobrada entre os anos de 2043 e 2073, retratando as problemáticas de escassez de recursos e a falta de espaço decorrentes do crescimento populacional acelerado. O enredo se debruça sobre a transformação do espaço urbano acompanhada dos avanços tecnológicos e a implantação de políticas públicas, incluindo o controle da natalidade com a “lei de alocação infantil”. Em uma perspectiva ficcionista, mas não distante da realidade atual, a cidade é abordada como palco de contradições no planejamento do espaço e de conflitos

sociais sob a ótica das novas condições de vida urbana. Assim, este artigo faz uma interlocução da obra cinematográfica com as literaturas sobre a dinâmica da formação do espaço urbano e suas repercussões nas relações sociais e os processos de projeto na Arquitetura. No filme é possível perceber como se dá o uso da criatividade, da tecnologia e de práticas de processos de projeto na concepção das soluções de problemas de ordem social. No delineamento da análise apresentada, mostra-se como esses fatores, dependendo do modo como são articulados pela gestão, podem condicionar a segregação, inclusive espacial, reforçando as desigualdades sociais.

**Palavras-chave:** análise de filme; arquitetura e urbanismo; transformação urbana; processo projetual.

---

## URBAN TRANSFORMATIONS AND DESIGN PROCESSES IN ARCHITECTURE: A REFLECTION ON THE MOVIE "WHAT HAPPENED TO MONDAY"

---

### ABSTRACT

The present work presents reflections from a content analysis of the film "What Happened to Monday", released in 2017, which has the narrative unfolded between the years 2043 and 2073, portraying the problems of scarcity of resources and the lack of space from accelerated population growth. The plot focuses on the transformation of urban space accompanied by technological advances and the implementation of public policies, including birth control with the "child allocation law". In a fictionalist perspective, but not far from the current reality, the city is approached as a stage for contradictions in space planning and social conflicts from the perspective of the new

conditions of urban life. Thus, this article makes an interlocution of the cinematographic work with the literature on the dynamics of the formation of the urban space and its repercussions on social relations and the design processes in Architecture. In the film, it is possible to see how creativity, technology and practices of design processes are used in the conception of solutions to social problems. In the outline of the analysis presented, it is shown how these factors, depending on how they are articulated by management, can condition segregation, including spatial, reinforcing social inequalities.

**Keywords:** film analysis; architecture and urbanism; urban transformation; design process.

---

<sup>1</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense – IFFluminense – *campus* Campos Centro, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU – Rua Dr. Siqueira, 273 – Parque Dom Bosco, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28030-130, Brasil.

(\*e-mail: sergio.oliveira@iff.edu.br)

Data de recebimento: 03/07/2020. Aceito para publicação: 28/10/2020. Data da publicação: 27/11/2020

## 1. INTRODUÇÃO

A dinâmica da transformação da Arquitetura e do espaço urbano é marcada por vários momentos importantes nos cenários político e econômico, remodelando as características das cidades e da sociedade. Exemplos disso são a Revolução Industrial (1760-1840) e a Revolução Francesa (1789-1799), que impulsionaram o desenvolvimento tecnológico e levaram à explosão demográfica que, além de aumentar os conflitos sociais, impactaram nas relações do homem com a natureza e com o espaço (MAIA, 2017).

De acordo com Santos (2012), o planejamento urbano surge como um instrumento de enfrentamento das transformações sociais, políticas e econômicas requeridas pela sociedade urbana-industrial. A alta densidade demográfica percebida ao longo do século XX fez com que surgissem novos e complexos problemas em algumas cidades, possíveis de serem resolvidos com soluções coletivas, como é o caso do saneamento e do transporte público. As reformas urbanas promovidas pelo Estado redesenharam as cidades, ampliando os espaços públicos e contribuindo para o aumento da segregação espacial, com a realização de obras para benefício dos usos mais nobres do solo (SANTOS, 2012).

Essas reformas dentro do contexto urbano significaram a reconfiguração dos espaços citadinos, tendo como pauta as recentes demandas da sociedade. Perelmuter (2019) destaca que as demandas por transformações decorrem do crescimento populacional urbano, devido ao fluxo migratório ou ao aumento na expectativa de vida, e de mudanças comportamentais da sociedade envolvendo novas formas de consumo e de uso de bens. Assim, percebe-se que a busca por projetos que incorporassem os novos avanços tecnológicos e atendessem as necessidades do homem contemporâneo fez com que se abrisse um leque de alternativas com soluções capazes de auxiliar no gerenciamento desta nova realidade. Para isso, o processo criativo com inovação constante se tornou uma ferramenta indispensável na gestão urbana.

Diante do exposto, torna-se interessante problematizar e avaliar se o avanço das tecnologias, aliado a processos criativos dentro das cidades, viabiliza a concepção de projetos holísticos e que proporcionem boas soluções, pois acredita-se que, quando ela acontece sem a preocupação com o usuário, pode desencadear o declínio da solução adotada e, além disso, o progresso tecnológico que não satisfaça aos interesses humanos universais poderá criar rejeição por uma parte da população. Nesse contexto, as abordagens sobre a formação do espaço urbano, suas realidades atuais e aspirações para o futuro, além dos processos de projeto na Arquitetura, merecem ganhar cada vez mais fôlego nas discussões do meio científico.

Dessa maneira, este artigo tem por objetivo apresentar as interlocuções de algumas teorias de Arquitetura, Urbanismo e tecnologias com a obra cinematográfica “Onde está Segunda?” (2017), que retrata as transformações do espaço urbano com base nos avanços tecnológicos e em políticas públicas. Para tal, é feita uma análise de conteúdo do filme, a partir da qual lança-se mão de algumas referências teóricas da literatura em que são trazidas abordagens a respeito dos impactos dessas transformações para o espaço urbano e para a sociedade e do processo projetual em Arquitetura.

No filme, podem ser percebidas questões relacionadas à criatividade, ao projeto e às tecnologias, dialogadas com Arquitetura e Urbanismo. Em relação à criatividade, o filme a trata como uma ferramenta individual, carregada de experiências, que pode agregar à equipe envolvida no processo, mas também traz uma crítica de como o seu mau uso pode suprimir um povo. Sobre projeto, este é abordado de forma ampla, como a concepção de um objeto ou

serviço, demonstrando também os seus métodos. A tecnologia e seus avanços são apresentados como impulsionadores de soluções, à medida que decisões só puderam ser tomadas porque existiam tecnologias facilitadoras disponíveis. Sobre a temática geral de Arquitetura e Urbanismo, o filme aborda os impactos sociais gerados através da formação e transformação do espaço urbano.

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho consiste em uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa que faz entrelaçamentos de embasamento teórico a partir de pesquisa bibliográfica (GIL, 2019) com análise de conteúdo da obra cinematográfica (PENAFRIA, 2009) “Onde está Segunda?”. De acordo com Penafria (2009, p. 6), a utilização da análise de conteúdo de filme permite a consideração da sua temática como um relato e a decomposição da obra é importante para a compreensão do objeto escolhido.

Assim, faz-se uma análise de conteúdo do filme “Onde está Segunda?”, a partir de sua temática e a interpretação das cenas que constituem o longa-metragem, a fim de estabelecer aproximações críticas com algumas teorias sobre as transformações do espaço urbano e seus impactos sociais e sobre os processos de projeto na Arquitetura; todas dialogadas com as tecnologias. As cenas do filme em que os autores deste artigo perceberam as conexões com tais teorias da literatura são aqui relatadas, ao mesmo tempo em que são feitas as apresentações dessas teorias, de forma a mostrar as convergências entre a obra cinematográfica e a bibliografia apresentada.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 3.1. Contexto da obra “Onde está Segunda?”

“Onde está Segunda?” é um longa-metragem que foi lançado em 2017 pela Netflix, escrito por Kerry Williamson e Max Botkin e dirigido por Tommy Wirkola. A trama, que se passa entre os anos de 2043 e 2073, começa em um contexto de escassez dos recursos naturais da Terra e do espaço urbano devido ao aumento acelerado da população. Após algumas soluções malsucedidas, Nicolette Cayman, uma ativista política e bióloga conservacionista, sugere uma medida drástica, a política do filho único, que consiste no direito dos casais de terem apenas um filho. No caso de não atendimento a essa regra, os outros filhos seriam enquadrados na “lei de alocação infantil”, na qual seriam congelados e despertados em um futuro melhor. Essa política foi adotada por todos os países e, desde então, foi criada uma agência rigorosa de fiscalização dos cidadãos, que impunha a utilização de pulseiras eletrônicas para identificar, a qualquer momento, se o indivíduo era filho único.

Em meio à implantação dessa nova lei, em 2043 nascem sete irmãs. Como a mãe delas havia falecido no parto, o avô das meninas, Terrence Settman, um homem da elite, assume a responsabilidade pelas bebês. Ele as nomeia conforme o dia da semana e pela ordem de nascimento: Segunda, Terça, Quarta, Quinta, Sexta, Sábado e Domingo. Para não entregá-las ao congelamento e salvar a vida das sete, Terrence consegue fazer com que elas se revezassem nos dias da semana para sair às ruas, de acordo com os seus respectivos nomes, assumindo uma única identidade, Karen Settman, o mesmo nome da mãe das meninas. O tempo passa e tudo parece ocorrer conforme o previsto. Mesmo com personalidades muito distintas, as sete irmãs são treinadas pelo avô para sobreviverem diante das regras do mundo exterior, sem serem descobertas pela agência de fiscalização.

Em 2073, trinta anos depois, uma delas, a Segunda, sai para cumprir a rotina do seu dia e misteriosamente não retorna para casa. Inicia-se, então, uma árdua busca e a cada dia que passava, uma das irmãs saía para procurá-la e também não retornava. Algumas delas acabaram sendo mortas pela agência de Nicolette. As que conseguiram sobreviver ao sequestro, Terça e Quinta, percebem que todas as outras foram capturadas pela agência, que descobriu a existência das sete através de um acordo com a Segunda, que estava grávida de gêmeos e, para a sobrevivência dos seus filhos, delatou todas as irmãs. Em meio a essa busca, Terça e Quinta também descobrem que a “lei de alocação infantil” era uma farsa, na qual as crianças, que deveriam ser congeladas, estavam na verdade sendo incineradas, o que gerou revolta em toda a população, assim como inúmeras manifestações, acarretando a revogação da política do filho único.

### 3.2. Transformações do espaço urbano

Conforme Carlos (2007, p.17), “o lugar é a base da reprodução da vida [...] A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo”. Martins (2016 *apud* CARVALHO; DA COSTA, 2019, p. 19) cita que “as cidades devem promover a integração e o bem-estar dos seus habitantes, ela deve constituir-se como um espaço vital, feito pelos seres humanos e para os seres humanos”.

Entretanto, o espaço urbano não é produzido naturalmente; ele se estrutura por processos econômicos, políticos e sociais, que se manifestam nas relações e ações internas, como o planejamento urbano não participativo, que explicita (direta ou indiretamente) a situação de exclusão/inclusão, atendendo às demandas daqueles que detêm o controle dos processos, deixando uma parcela da população de fora das decisões sobre as transformações do local onde vive; e, também, se manifestam nas relações externas, reproduzindo as dinâmicas do modo de produção, com o intuito da sua otimização (CARLOS, 2007). Nesse contexto, a remodelagem do espaço urbano é um reflexo da sociedade, mas, por vezes, torna-se a ferramenta para se atingir um fim, submetendo uma parcela da população a mudanças impertinentes, gerando insatisfação aos que não conseguem interferir livremente no espaço.

Sobre isso, Cardoso *et al.* (2017, p. 87) afirmam que:

Se uma decisão institucional modifica um lugar por interesses, econômicos ou políticos, são disseminadas novas informações que podem não ter relação alguma com muitas pessoas. O território, enquanto parcela regida por uma gestão, recebe uma identificação que pode ser distinta do que sentem muitos indivíduos que nele habitam.

Para a implantação da nova política do filho único foi necessária a reestruturação de todas as cidades do mundo para que a agência de vigilância, que seria responsável por manter a ordem, pudesse ter o controle total sobre os cidadãos. As cidades passaram a ser setorizadas, e para a população ter acesso à comida, ao trabalho, à educação e à saúde, entre outros recursos, deveria ultrapassar uma barreira física, os chamados postos de controle (Figura 1).



Figura 1: Setorização do espaço através de postos de controle. (Fonte: Imagem do filme “Onde está Segunda?”).

É nítida a separação dos setores nobres, onde as construções são futuristas (Figura 2 (A)), dos setores precários, com construções em decadência (Figura 2 (B)). O poder público praticamente descartava os setores precários, que ficavam sem nenhum auxílio básico como o serviço periódico de recolhimento de lixo, por exemplo. A população carente era estigmatizada, e o discurso de que todo aquele processo era para dividir os recursos de forma igualitária, capaz de garantir subsistência para todos, parecia cada vez mais distante à medida que apenas os que detinham poder econômico eram favorecidos.

De acordo com Jacobs (2011), para as cidades serem consideradas bem projetadas e funcionais precisam oferecer, além de múltiplos usos e serviços, uma vitalidade urbana. Durante o filme, é possível observar um apelo pela diferenciação dos setores em tons claros e escuros e nas passagens de cena em dia e noite. O lado precário sempre era visto sem luz e sem função, o que parece indicar um abandono por parte das autoridades quanto às necessidades da população, contrapondo com a vivacidade da zona abastada.



Figura 2: Setores da cidade: (A) Nobre com construções conservadas e futuristas; (B) Precário com construções em decadência. (Fonte: Imagens do filme “Onde está Segunda?”).

Silva (2009) diz que o processo de segregação socioespacial está comumente relacionado à ligação do Estado com interesses econômicos de determinados grupos, deixando o interesse público em vulnerabilidade e o descaracterizando. Isso reforça ainda mais o fato de ser oferecido um planejamento inadequado à população, em detrimento das vontades das classes dominantes.

Sobre as questões da soberania da elite e do acesso pelas camadas da população, em particular, ao conhecimento, Cardoso *et al.* (2017, p. 90) comentam que:

Associados aos grandes planos de tornar o conhecimento acessível para poucos

privilegiados, as elites brasileiras buscavam o controle social através de medidas de regulamentação do uso do espaço urbano, sem considerar a escolha dos habitantes e frequentadores dos lugares que seriam transformados. A alta sociedade praticava o que Pierre Bourdieu definiu como violência/dominação simbólica, grosso modo, uma maneira de opressão baseada na indução do (s) indivíduo (s) ao posicionamento no espaço, de acordo com as orientações do discurso dominante (Bourdieu, 2004).

Vale ressaltar uma contradição percebida nos dois setores, pois se o mundo passava por um problema de denso crescimento populacional, não fazia sentido nas áreas nobres terem espaços cada vez mais amplos, enquanto as áreas periféricas sofriam com a superlotação. Isso deixa evidente o real intuito do governo de afastar os pobres das áreas nobres, em um processo de gentrificação, levando à supervalorização desses setores. De acordo com Paes (2017, p. 669), o processo de gentrificação é “de natureza dinâmica, seja em sua concepção conceitual, seja em sua forma de expressão no espaço, reveladora dos conflitos sociais de apropriação dessas novas paisagens urbanas”.

Corrêa (1989) ratifica justamente essa condição, em que o Estado prioriza os interesses das classes dominantes e, em uma espécie de “renovação urbana”, expulsa os pobres das áreas centrais, levando à ampliação do capital imobiliário. Esse processo de planejamento urbano é visto em muitas cidades do mundo, onde antigamente todos os serviços principais eram centralizados em uma determinada área, criando um centro urbano, que era o lugar onde residiam pessoas com elevado status social. Com o passar do tempo, em busca de uma vida mais tranquila, as pessoas com alto poder econômico se distanciaram dos centros, criando uma descentralização e a população de baixo status social passou a se inserir nas áreas centrais abandonadas. Posteriormente, para garantir a retomada da valorização desses locais, através de especulações imobiliárias, as classes dominantes expulsaram a população de baixa renda desses centros, forçando-a a voltar para as periféricas, deixando clara a manutenção do poderio econômico e o descaso com os interesses sociais.

### **3.3. Impactos sociais gerados pelas políticas públicas e aplicação da tecnologia**

Todas as atividades do poder público que influenciam na vida dos cidadãos devem ser decididas de maneira democrática, buscando a resolução das problemáticas sociais de forma justa. De acordo com Do Carmo (2011, p. 9), “as pessoas se comprometem mais e ficam mais motivadas quando estão envolvidas na tomada das decisões que as afetam”. Todavia, esses processos de tomadas de decisão sem responsabilidade com a vontade popular são comuns em diferentes momentos durante o filme.

Atualmente, os governantes têm em mãos ferramentas valiosas, como a tecnologia e seu uso criativo, que os auxiliam nas tomadas de decisão, com a possibilidade de impulsionar ou refutar ideias a serem colocadas em prática, o que teoricamente facilitaria o processo de planejamento da gestão pública. De acordo com Perelmuter (2019, p. 71), “algumas cidades já se destacam no cenário mundial por meio da implantação de soluções tecnológicas para levar inteligência à gestão urbana”. Assim, o autor defende que:

Para fazer frente ao crescimento e à maior densidade populacional [...] torna-se necessário aumentar a eficiência e o alcance dos serviços oferecidos ao público: transportes, energia, saúde, segurança, moradia, infraestrutura e educação, por exemplo. A Internet das Coisas desempenha papel fundamental nesse processo, coletando e transmitindo dados para sistemas integrados de análise e decisão. (PERELMUTER, 2019, p. 71)

Infelizmente, o uso indevido dessas estratégias e ferramentas acaba afastando as

peças e acentuando a desigualdade. “Onde está Segunda?”, um filme de ficção científica, aborda bem essas questões, quando traz à tona os reflexos de uma obra distópica sobre a realidade, com um regime de extrema opressão do Estado, que utiliza a tecnologia como ferramenta de controle sobre a sociedade. Sobre a distopia, que é qualquer representação de organização social que exprima a antítese de sistemas sociais idealizados, Hilário (2013) afirma que:

[...] se configura, a partir do prisma da teoria crítica da sociedade, como ferramenta de análise radical da modernidade. [...] que possuem traços marcantes, tais quais: as formas de controle da subjetividade, a configuração hipertecnológica da atual sociedade e a dinâmica de submissão da cultura à civilização. [...] Neste sentido, o gênero da distopia em particular, emerge como dispositivo de análise radical da sociedade, cujo objetivo é analisar os efeitos de barbárie que se manifestam em determinado tecido social. (HILÁRIO, 2013, p. 201)

O uso da tecnologia como ferramenta de controle é retratado no filme, por exemplo, pela obrigação da utilização de pulseiras eletrônicas de identificação dos indivíduos, nas quais continham todos os seus dados (até mesmo os bancários) e que garantiam também que eram filhos únicos. Todas as relações sociais eram automatizadas e vigiadas pela agência. Dessa maneira, a tecnologia era usada como um meio de controlar as ações da população, o que coloca em xeque a privacidade e a segurança das informações envolvidas.

Ressalta-se, pois, o reconhecimento de que a tecnologia já está inserida no dia a dia das pessoas, sendo indiscutíveis os benefícios trazidos por sua adequada utilização. Portanto, negá-la seria um retrocesso. O problema está nas decisões que utilizam a tecnologia como ferramenta de maneira equivocada, sem o pensamento no coletivo, quase como uma imposição tecnológica que leva algumas pessoas a se sentirem desconfortáveis e até mesmo excluídas. Freire (2002) faz uma crítica sobre essa questão ao dizer que:

O progresso científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, as necessidades de nossa existência, perde, para mim, sua significação. A todo avanço tecnológico haveria de corresponder o empenho real de resposta imediata qualquer desafio que pusesse em risco a alegria de viver dos homens e das mulheres. [...] esta é uma questão ética e política e não tecnológica. O problema me parece muito claro. Assim como não posso usar minha liberdade de fazer coisas, de indagar, de agir, de criticar para esmagar a liberdade dos outros de fazer e de ser, assim também não poderia ser livre para usar os avanços científicos e tecnológicos que levam milhares de pessoas à desesperança. Não se trata, acrescentamos, de inibir a pesquisa e frear os avanços, mas de pô-los a serviço dos seres humanos. A aplicação de avanços tecnológicos com o sacrifício de milhares de pessoas é um exemplo a mais de quanto podemos ser transgressores da ética universal do ser humano e o fazemos em favor de uma ética pequena, a do mercado, a do lucro. (FREIRE, 2002, p. 49)

O espaço urbano é um campo de lutas sociais, onde, por estar num contexto fragmentado e desigual, promove conflitos sociais, visando o direito à cidade e a igualdade (CORRÊA, 1989). É no espaço urbano que o homem representa sua resistência ao cotidiano, aos conflitos entre os sujeitos, firmas e instituições, criando assim um território compartilhado, de residência, laços culturais e de identidade (SANTOS, 2006).

No filme, várias foram as reivindicações a respeito da lei que vigorava, pois existia uma provocação ao direito à vida e à liberdade do indivíduo. Um dos pensamentos que afligia a população era o fato de não conviver mais com seus filhos e de que, quando as crianças despertassem, não existiriam mais ligações com seus familiares, pois teoricamente já teriam falecido, perdendo seus laços afetivos e, conseqüentemente, suas identidades.



Um fato que vale ser ressaltado ainda no contexto do espaço urbano é relativo à questão de pertencimento. Sobre isso, Cardoso *et al.* (2017, p. 89) destacam que:

Numerosas são as definições das relações de pertencimento, no que tange a esfera comunitária, lugar e sentimento de pertencer à algo. Para Freitas (2008) o sentimento de pertencer a um grupo e lugar mantém a coesão comunitária, de tal modo que entrelaça o lugar, a população e o pertencer.

No filme, por não haver um olhar para o lado carente das cidades, tornando-o um local esquecido, ficava mais fácil esconder por mais tempo as crianças que não eram filhos únicos. Inclusive, foi pra lá que o Terrence se mudou com suas sete netas, por ser um local onde o poder público praticamente não acessava. Embora pareça paradoxal, criou-se uma aproximação entre os moradores e por mais que naquele “setor esquecido” não existissem os recursos básicos necessários, as pessoas se sentiam protegidas e, mais do que isso, se sentiam acolhidas e pertencentes àqueles locais.

### 3.4. Processos de projeto na Arquitetura e aplicação da tecnologia

Para Kowaltowski *et al.* (2011), o uso da criatividade nos processos de projeto, através da aplicação do conhecimento científico e da informação tecnológica, auxilia no aumento da produtividade. Nesse sentido, reforça-se como o uso da criatividade, aliado às ferramentas e evoluções tecnológicas, consegue influenciar e reestruturar os processos de projeto na obtenção de resultados.

No filme, Terrence criou vários esconderijos estratégicos, através de subsídio tecnológico, como, por exemplo, dispositivos que se moviam e permitiam que as meninas se escondessem dentro da parede para que pudessem escapar, pois, por mais que o local fosse o mais seguro, havia a possibilidade de invasão da agência. Dessa maneira, a casa da família podia ser vista como um lugar de refúgio, onde ali era possível ter mais segurança, sendo este um objetivo primordial quando se projeta um lar.

Terrence ainda precisava solucionar um outro problema, pois suas netas não poderiam viver escondidas para sempre. Ele precisou fazer um estudo, um mapeamento de todo o processo a se realizar e então surgiu o projeto Karen Settman. Como já citado, no filme o projeto é relacionado com a concepção de um produto, que se enquadra às mesmas questões do processo projetual na Arquitetura. Dessa forma, são feitas analogias e discussões críticas na relação dos dois assuntos.

No projeto Karen Settman, cada uma das meninas poderia sair em um dia da semana, correspondente ao seu nome, e do lado de fora assumiriam uma única identidade, a de sua mãe, Karen Settman. Para que o projeto fosse adiante, Terrence precisou avaliar todas as suas condicionantes e, então, colocou em prática um processo projetual, que consistia em quatro fases, conforme consta na literatura de projeto (LAWSON, 2011): a primeira é a de assimilação, que é a organização de informações; a segunda é a de estudo geral, referente à investigação de possíveis soluções; a terceira é a de desenvolvimento, que é o refinamento das possíveis soluções, que vai desde o espaço planejado para a criação das meninas até a criação do próprio projeto Karen Settman; e, por fim, a comunicação, que consistiu, dentre alguns exemplos, em informar as meninas sobre a colocação em prática do projeto dali pra frente.

Como cada uma delas só podia sair uma vez por semana, todo final de dia tinha uma reunião e, era nesse momento, que uma delas informava para as outras tudo o que havia acontecido, dentre erros e acertos, do lado de fora (na escola, no trabalho etc). Nota-se

novamente a aplicação da última fase do processo de projeto, a comunicação, fundamental à sua continuidade e alcance de sucesso. Nesses momentos, elas utilizavam o *brainstorming*, de modo a planejarem as ações do dia seguinte, com base nas experiências dos dias anteriores, para que as ações pudessem ser ajustadas e para que o projeto Karen Settman não apresentasse falhas. Sobre isso, Ward (2004) destaca a propensão em estocar informações organizadas sobre as próprias experiências e usá-las em tarefas subsequentes. Ele afirma que as ideias criativas não surgem do nada, precisam de conhecimentos anteriores, dependem da bagagem de experiências.

Kowaltowski *et al.* (2011) dizem que, nas obras do arquiteto e urbanista João Filgueiras Lima, também conhecido como Lelé, suas experiências passadas serviam de laboratório para seus novos projetos, buscando sempre inovar, erradicar os erros e perpetuar os acertos vistos nos projetos anteriores. Então, ele e sua equipe multidisciplinar estavam sempre colocando isso em questão, bagagens e experiências passadas, para tecer o presente e o futuro. No caso do filme, isso é uma analogia e bem mais evidente e acentuada pelo curto espaço de tempo, tendo como referência sempre uma espécie de relatório diário corrido, enquanto o Lelé captava suas referências a partir de um vasto repertório de observação.

Sobre os métodos de projeto, não existe um único para se resolver problemas, ainda mais quando se trabalha com diferentes variáveis e/ou com o desconhecido. Portanto, para se atingir um resultado mais eficaz, é imprescindível um trabalho em equipe, mas, além disso, uma equipe multidisciplinar (KOWALTOWSKI *et al.*, 2011). No filme, Karen Settman era um projeto de sobrevivência que, para dar certo, as irmãs precisavam trabalhar em grupo e, dentro dessa equipe, cada uma tinha uma habilidade diferente (uma tinha habilidade físico-motora, outra tinha raciocínio lógico, outra com habilidade artística etc). E durante toda a vida elas foram treinadas para que suas habilidades pudessem ser compiladas em uma única identidade, trabalhando sempre em conjunto.

Para ser bem sucedido, o projeto Karen Settman tinha várias restrições e uma delas era em relação à estética, uma restrição rígida. As sete irmãs tinham personalidades diferentes, além de peculiaridades físicas e psicológicas. Por isso, todos os dias, antes de sair de casa, elas precisavam passar por uma varredura (Figura 3), em que eram identificadas as anomalias e imperfeições para serem corrigidas e todas elas tinham que se vestir como uma das irmãs, a Segunda. De acordo com Lawson (2011), em muitos momentos os projetistas esbarram com restrições ou aspectos fundamentais que precisam ser seguidos e então todo o seu processo precisa ser ajustado para que os requisitos sejam atendidos.

Em um determinado dia, ainda quando crianças, a Quinta fugiu de casa para andar de *skate* e se acidentou, perdendo um de seus dedos da mão esquerda. Como o aspecto estético era uma restrição rígida no processo, todas as meninas precisavam seguir essa regra. Nesse sentido, tudo o que acontecia com uma, acabava reverberando para as outras. Então, para que o projeto continuasse a ser executado, Terrence solucionou radicalmente a questão, decepando o mesmo dedo das outras seis netas, sem buscar outras soluções para resolver tal situação, por meio do pensamento divergente ou lateral (LAWSON, 2011), mesmo com alguns aparatos tecnológicos disponíveis.



Figura 3: Varredura de anomalias e imperfeições. (Fonte: Imagem do filme “Onde está Segunda?”).

Com o passar dos anos, o projeto Karen Settman começa a entrar em decadência por conta das insatisfações de todas as irmãs. Por mais que fosse um projeto de sobrevivência, para solucionar o problema de ordem maior, ele não atendia satisfatoriamente a todas as necessidades das sete irmãs, diante das particularidades de cada uma delas. Além disso, elas viviam presas, pois só podiam assumir as identidades reais dentro de casa, quando cerceadas pela barreira física, e só podiam acessar a “liberdade exterior” ao assumirem o papel da Karen Settman, quando eram aprisionadas pelo próprio corpo. Para Kowaltowski *et al.* (2011), o projetista precisa olhar pra quem está inserido no projeto, nas suas necessidades, para que este não se torne uma prisão para o usuário.

Uma vez que não se leva em consideração as peculiaridades dos agentes envolvidos na produção de um produto e/ou serviço e, principalmente, daqueles que efetivamente irão utilizá-los, fazendo-o parte e não o todo do projeto, se torna apenas uma questão de tempo para dar início às inquietações dos que não estão inseridos no sistema (KOWALTOWSKI *et al.*, 2011). Da mesma maneira, o uso da tecnologia que não produza soluções para todos cria uma corrente de insatisfações daqueles que não são contemplados (SANTOS JÚNIOR; LAHM, 2008).

Quando a Segunda desaparece, suas irmãs saem uma após a outra para procurá-la, mas também não retornam para casa. No filme, esse é o único momento em que do lado de fora elas assumem suas próprias personalidades, pois precisam colocar em prática as suas habilidades para lidar com os imprevistos; elas tentam formular seus problemas com antecedência, prevendo os possíveis caminhos, na tentativa de diminuir a subjetividade e os riscos. Na Arquitetura, quando se lida com sistemas complexos e imprevisíveis, existem ferramentas que auxiliam no controle da subjetividade, como o projeto axiomático, que lida com a otimização das variáveis envolvidas com o intuito de minimizar os erros na tomada de decisão (GRAÇA *et al.*, 2011).

Ao descobrirem que estavam sendo capturadas pela agência de fiscalização, onde foram entregues pela própria Segunda, as únicas irmãs sobreviventes, Terça e Quinta, conseguiram desvendar o que acontecia e contaram a todos que a tecnologia que deveria ser utilizada para o congelamento nunca existiu e as crianças estavam sendo queimadas vivas. O mundo se tornou palco de várias rebeliões contra a “lei de alocação infantil” e a política do filho único chegou ao fim, assim como o projeto Karen Settman.

#### 4. CONCLUSÕES

Este artigo é resultado de uma pesquisa exploratória qualitativa que objetivou apresentar os entrelaçamentos entre as abordagens teóricas da literatura em Arquitetura, Urbanismo e tecnologias e a análise de conteúdo do filme “Onde está Segunda?”, debruçando-se sobre a temática central da obra, que consiste na formação e transformação do espaço urbano, acompanhada de avanços tecnológicos e a implantação de políticas públicas, produzindo reverberações no espaço e na sociedade, e sobre as interfaces percebidas com o processo projetual arquitetônico.

No filme, os idealizadores dos projetos centrais que desencadearam a história, Nicolette e Terrence, negaram o direito à vida e à liberdade com as soluções propostas diante das problemáticas percebidas por eles. Nicolette impôs uma política pública que retirava de forma brusca os filhos não primogênitos da sociedade, sem dar ouvidos aos apelos populares; fez ainda uma reestruturação de todo o espaço que privilegiava apenas os que tinham poder econômico, acentuando a desigualdade e a segregação socioespacial. Terrence, com o projeto Karen Setzman, confinou suas sete netas em uma rotina e em uma personalidade coletiva, em detrimento das individualidades.

Ao tomar partido da temática do filme e de sua narrativa, no artigo foram visitadas sobretudo questões pertinentes à participação popular no planejamento do espaço urbano e à dominação de interesses de determinadas classes sobre outras, corroborando com a segregação socioespacial que viola acessos; tais questões foram respaldadas por conceitos de violência simbólica, gentrificação e pertencimento. No texto também foram discutidas questões relativas ao bom uso da tecnologia, como no caso da gestão inteligente nas cidades e, algumas repercussões de seu mau uso, contribuindo para o reforço das distopias e desigualdades. No campo do processo de projeto, foram ressaltadas questões associadas à moradia e sua ideia de lugar de acolhimento e refúgio; às fases e algumas estratégias utilizadas na concepção de projetos; ao uso da experimentação; ao trabalho em equipe multidisciplinar; ao atendimento às restrições e às necessidades dos usuários nas soluções projetuais, reconhecendo-os de forma ativa na construção do processo, respeitando suas singularidades.

Pela obra cinematográfica, é evidenciado o uso da criatividade e da tecnologia para dar suporte aos projetos criados por Nicolette e Terrence, mas ambos não pensaram nos impactos efetivos de seus projetos e nem na viabilidade das soluções. Também foi possível observar a distopia caracterizada pelo controle opressivo sobre a sociedade, alterando a vida de todos com o uso da tecnologia como instrumento de controle, o que trouxe um futuro sombrio para o filme. Nesse sentido, destaca-se que o emprego das ferramentas tecnológicas deve ser feito de forma crítica e por mãos que façam o bem para todos, da mesma maneira que os detentores de poder devem ter responsabilidade sobre as soluções que desenvolvem, pois a utilização inadequada de uma linguagem pode causar a superioridade absoluta de um grupo em detrimento de outros.

Dessa forma, pode-se concluir que o avanço tecnológico aliado a processos criativos, apesar de serem ferramentas valiosas para a produção e transformação do espaço em consonância com os princípios de inclusão e pertencimento, nem sempre viabilizam a concepção de projetos holísticos e planejamentos urbanos que proporcionam soluções funcionais e satisfatórias para a sociedade. Muitas vezes, corroboram para a ampliação de desigualdades sociais e fragmentações do espaço físico. Assim, destaca-se a necessidade eminente de tratar a gestão do espaço com base nas reais necessidades da sociedade enquanto

coletividade e a serviço de todos, sem que cada indivíduo sinta-se excluído e/ou oprimido por interesses dos detentores de poder.

## 5. REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2004. 314 p.

CARDOSO, Diogo; CURA, Sara; VIANA, Willian; QUEIROZ, Luiz; COSTA, Maria. Espacialidades e ressonâncias do patrimônio cultural: reflexões sobre identidade e pertencimento. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)**, n.º 11 (junho). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, p. 83–98, jun. 2017.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

Disponível em

[http://www.gesp.ffe.ch.usp.br/sites/gesp.ffe.ch.usp.br/files/O\\_lugar\\_no\\_do\\_mundo.pdf](http://www.gesp.ffe.ch.usp.br/sites/gesp.ffe.ch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf). Acesso em: 24 mar. 2020.

CARVALHO, Jefferson da Silva; DA COSTA, Aline Couto. Caminhabilidade e acessibilidade para a população idosa: uma análise em Campos dos Goytacazes–RJ. **Humanas & Sociais Aplicadas**, v. 9, n. 24, 30 abr. 2019.

CORREIA, Roberto Lobato. Segregação e as áreas sociais; Dinâmica espacial da segregação. In: CORREIA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 59–76.

DO CARMO, Gerson Tavares. Metodologias para gestão de projetos sociais: trajetória de dois casos. **Humanas & Sociais Aplicadas**, v. 1, n. 2, 24 ago. 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz & Terra, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019. 230 p.

GRAÇA, Valéria A. Collet; KOWALTOWSKI, Doris C. C. K.; PETRECHE, João R. D. O Projeto Axiomático. In: KOWALTOWSKI, Doris C. C. K.; MOREIRA, Daniel de Carvalho; PETRECHE, João R. D.; FABRÍCIO, Márcio M. (orgs) **O Processo de Projeto em Arquitetura: da Teoria à Tecnologia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011, p. 151–180.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201–215, 2013.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

KOWALTOWSKI, Doris C. C. K.; BIANCHI, Giovana; PETRECHE, João R. D. A criatividade no processo de projeto. In: KOWALTOWSKI, Doris C. C. K.; MOREIRA, Daniel de Carvalho; PETRECHE, João R. D.; FABRÍCIO, Márcio M. (orgs) **O Processo de Projeto em Arquitetura: da Teoria à Tecnologia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011, p. 21–56.

LAWSON, Bryan. **Como arquitetos e designers pensam**. Oficina de textos, 2011. 296 p.

MAIA, Amanda Carvalho. Percepções do fenômeno urbano no século XIX sob a ótica literária de Victor Hugo em “Os Miseráveis”. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo** (Online), v. 15, n. 1, p. 114–124, 2 dez. 2017.

MARTINS, Marcelo Henrique. **O mal-estar na cidade**: O sentido da urbanização em bairros periféricos. Araraquara: Unesp, 2016.

**Onde está Segunda?**. Direção de Tommy Wirkola. Roteiro: Kerry Williamson e Max Botkin. Netflix, 2017.

PAES, Maria Tereza Duarte. Gentrificação, preservação patrimonial e turismo: os novos sentidos da paisagem urbana na renovação das cidades. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 21, n. 3, p. 667–684, dez. 2017.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes: conceitos e metodologia(s)**. In: VI Congresso SOPCOM. 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: abr. 2020.

PERELMUTER, Guy. **Futuro Presente**. O mundo movido à tecnologia. Jaguaré, SP: Companhia Editora Nacional, 2019. 328 p.

SANTOS JÚNIOR, Donarte Nunes; LAHM, Regis Alexandre. A tecnologia: Algumas reflexões socioespaço-temporais. **Revista Para Onde!?**, v. 2, n. 2, 2008.

SANTOS, Ângela Moulin S. Penalva. Planejamento Urbano: para quê e para quem? **Revista de Direito da Cidade**, v. 4, n. 1, p. 91–119, 2012.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Jonathas Magalhães Pereira. Segregação socioespacial: contradições presentes em Palmas/TO. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo** (Online), n. 9, p. 124–132, 1 jan. 2009.

WARD, Thomas B. Cognition, creativity and entrepreneurship. **Journal of business venturing**, n. 19, p. 173–188, 2004.